

## ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE FORMA MULTIDIMENSIONAL: O CASO DA UNIOESTE

**Dr. Rafael Mattiello**  0000-0001-9246-5347  
**Me. Naiani Borges Toledo**  0000-0003-4833-0909  
**Me. Larissa Terra Langer**  0000-0002-1433-1586  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** A internacionalização universitária vem cada vez mais sendo utilizada por Instituições de Ensino Superior como uma importante ferramenta para uma formação acadêmica diferenciada. Este artigo tem por objetivo apresentar as principais estratégias utilizadas, de forma multidimensional, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Para melhor compreensão, é apresentado o contexto histórico em que emergem as discussões contemporâneas acerca do tema. Em seguida, é discutido o Estado da Arte sobre este conceito. Posteriormente, são sugeridas algumas dimensões para a análise das estratégias de internacionalização. Por fim, é apresentado como se efetivam estas dimensões por meio de estudo de caso realizado pelo *International Office* da Unioeste. Verificam-se quais estratégias tiveram mais sucesso na sua concretização e apresentam-se alguns desafios estruturais para a efetiva implementação de atividades de internacionalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Internacionalização universitária; Cooperação internacional; Estratégias multidimensionais.

## MULTIDIMENSIONAL UNIVERSITY INTERNATIONALIZATION STRATEGIES: THE CASE OF UNIOESTE

**ABSTRACT:** University internationalization is increasingly being used by Higher Education Institutions as an important tool for differentiated academic education. This article aims to present the main strategies used, in a multidimensional way, by the Western Parana State University (Unioeste). For a better understanding, this article first presents the historical context in which contemporary discussions about university internationalization emerge. Next, the State of the Art on this concept is debated. Subsequently, some dimensions are suggested for the analysis of internationalization strategies. Finally, it is presented how these dimensions are implemented through a case study carried out by the International Office of Unioeste. It is verified which strategies were most successful in their implementation and some structural challenges are presented for the effective implementation of internationalization activities.

**KEYWORDS:** HEI internationalization; International cooperation; Multidimensional strategies.

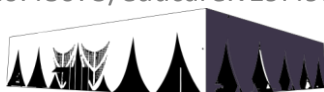


## 1 INTRODUÇÃO

A internacionalização das instituições de ensino superior (IES) trata do processo de integrar a esfera internacional às diferentes atividades desempenhadas pela universidade, seja no ensino, na pesquisa, na extensão ou na inovação. Entretanto, não existe um consenso na maneira com que se tenha sucesso na efetiva implementação da internacionalização. Assim, as estratégias adotadas se tornam um promissor campo de debate na área.

Este artigo tem como objetivo discutir e debater acerca da evolução, construção e dimensões das estratégias de internacionalização universitária, por meio de um estudo de caso da internacionalização multidimensional aplicada pela universidade pública Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), através das ações desempenhadas pelo *International Office*, também conhecido como Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARI).

Desta forma, inicialmente apresenta-se o contexto contemporâneo que facilita a emergência e crescente necessidade da internacionalização universitária pelas instituições de educação superior em todo o planeta. Em segundo lugar, é apresentado o debate acadêmico acerca da noção de internacionalização na educação e suas estratégias para implementação. Em terceiro lugar, discorre-se sobre o conceito de internacionalização multidimensional, trazendo diferentes aspectos dentro do espectro de possibilidades da internacionalização como: internacionalização em casa; no exterior; Norte-Sul; Sul-Sul; na graduação; na pós-graduação; e na extensão. Por fim, é debatido as potencialidades, inovação e alguns desafios estruturais para a efetiva implementação de atividades de internacionalização na prática. Tudo isso utilizando-se da experiência da Unioeste no gerenciamento e amplificação da internacionalização multidimensional por toda a sua estrutura acadêmica e organizacional.



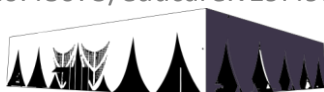
## 2 CONTEXTUALIZANDO A EMERGÊNCIA CONTEMPORÂNEA DA INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

No início do século XXI, ao mesmo tempo, em que os valores e conceitos da ciência social clássica estão perdendo cada vez mais força (p. ex. os conceitos de Estado, soberania, sociedade civil e governo), para alguns autores o mundo parece ter adquirido uma nova feição devido à crescente relevância em diferentes práticas efetivadas e promovidas por novos atores sociais proeminentes como organizações internacionais, grupos de advocacia internacional, organizações não governamentais, corporações transnacionais e instituições de ensino superior.

Para Arjomand, após o colapso do muro de Berlim, a “globalização substituiu o pós-modernismo como a temática científica social mestre de uma nova era” (2004, p. 341), Alexander fala que cientistas se encontram em torno de um “novo imaginário dominante” (2006, p. 521) representado pelo conceito de globalização, que segundo Mittelman (1994), refere-se à crescente aceleração na interdependência global, que permite que a economia, política, educação, cultura e ideologia de um país cruzem fronteiras. Manifestações mais específicas da globalização na sociedade internacional incluem, para o autor, a difusão de artigos de produção em massa; a reorganização espacial da produção; a transposição de indústrias sobre as fronteiras geopolíticas; o alargamento dos mercados financeiros; e as enormes transferências populacionais em todo o globo (fluxos migratórios).

Portanto, a globalização foi crucial para o aparecimento de uma força que transforma o papel e estrutura do Estado-Nação. Comunicações, transporte, comércio, turismo, e com isso qualquer forma de organização social foi facilitada pelo processo evolutivo da economia internacional contemporânea, que vive um determinado nível de desterritorialização (Paterson; Humphreys; Pettiford, 2003).

Como as universidades são locais de criação e transmissão do saber, do conhecimento e da inovação, sendo as propulsoras do desenvolvimento social,



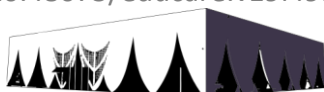
econômico e cultural de uma sociedade, são elas que proporcionam a emancipação do ser humano, formando cidadãos críticos para atuarem na sociedade (Kempton *et al.*, 2021).

Desta forma, com o advento da globalização e subsequentemente com o crescente número de diferentes interações nacionais e internacionais, a educação não poderia ficar de fora deste processo que rapidamente transforma o cenário internacional. Assim, foi exigido de determinada maneira que as instituições de ensino fornecessem instrumentos aos estudantes para que eles fossem capazes de debater temáticas globais e compreender estas novas relações que se estabeleceram. A requisição da sociedade por um novo posicionamento das universidades perante as divergências mundiais colocou em evidência um importante tema: a internacionalização do ensino superior.

Isso ocorre, tendo em vista que o desenvolvimento científico e tecnológico está intimamente ligado à participação institucional dentro desta nova lógica mundial através de suas funções indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão e perante a missão das universidades de preparar cidadãos para um mundo interligado e interdependente, surge a necessidade de uma experiência educacional diferenciada.

### **3 CONCEITUALIZANDO INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA COMO UM CONCEITO MULTIDIMENSIONAL**

A internacionalização deve ser um processo transformador que integre a dimensão internacional dentro das políticas institucionais para desenvolver habilidades, atitudes e valores na busca da excelência acadêmica. A emergência da discussão da dimensão internacional por parte das universidades em todo o mundo vem sendo captada por diversos conceitos distintos e correlacionados, como, por exemplo: internacionalização do ensino superior (e.g. Knight, 2003; De Wit, 2001), diplomacia científica (King, 2020), internacionalização abrangente (Hudzik, 2011), cooperação acadêmica internacional (Sebastián, 2004),



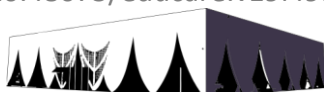
internacionalização integral (Morosini, 2019), paradiplomacia universitária (Walman; Quintana; Moran, 2018), internacionalização responsável (Stallivieri & Vianna, 2020), entre outras denominações.

Em linhas gerais, para Knight, a internacionalização das instituições de ensino superior, conceitualmente falando, trata do processo de integrar uma dimensão internacional/intercultural para as atividades-fim das universidades, ou seja, do ensino, pesquisa e extensão (2003), onde as universidades são levadas a modificar de forma substancial toda a sua estruturação organizacional e curricular, pois é no nível institucional o grande *locus* do verdadeiro processo de internacionalização (2005).

Sobre a égide da noção de cooperação acadêmica internacional, Sebastián a define como um:

“[c]onjunto de atividades realizadas entre ou por instituições de ensino superior que, por meio de múltiplas modalidades, implicam associação e colaboração nos campos da política e gestão institucional, formação, pesquisa, extensão e a articulação com os objetivos do fortalecimento e da projeção institucional, melhoria da qualidade do ensino, aumento e transferência do conhecimento científico e tecnológico e contribuição para o desenvolvimento” (2004, p. 20, tradução nossa).

Por sua vez, Hudzik (2011) traz o conceito de internacionalização abrangente, que denota um compromisso, confirmado através da ação, para utilizar perspectivas internacionais e comparativas transversalmente ao ensino, à pesquisa e à extensão universitárias. Desta forma, dá novo formato aos valores e à missão e toca a instituição integralmente. É essencial que seja abraçada pelas lideranças institucionais, pela governança institucional em todas as instâncias, pelo corpo docente, pelo corpo discente, pelos agentes universitários, além de todas as unidades de suporte. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável frente aos desafios postos pela contemporaneidade. Ela não apenas impacta todos os aspectos da vida nos *campi*, mas todo o padrão externo de referência institucional por intermédio de suas parcerias e relações.



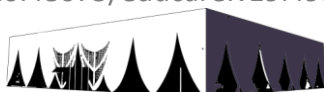
Além disso, o autor, categoricamente, afirma que o comprometimento institucional para a internacionalização potencialmente pode permear todos os aspectos da educação superior como: desenvolvimento do corpo docente, reformulações de *curriculum*, design instrucional, diversidade discente e docente, pesquisa e bolsa de estudos, treinamento e educação de clientela exterior, desenvolvimento assistencialista, serviços de suporte ao discente e acadêmico, desenvolvimento de recursos, gerenciamento financeiro, gerenciamento de riscos, competitividade institucional e posicionamento de imagem e engajamento cívico.

Desta maneira, tem-se como os principais pré-requisitos para a iniciação e implementação bem-sucedida da internacionalização, em sua forma mais abrangente, uma liderança clara e consistente a partir do topo da instituição, engajamento internacional do corpo docente e das unidades acadêmicas, persistência e adaptabilidade, e objetivos claros e mensuráveis.

Sendo a internacionalização um fenômeno plural com diversos aspectos, sua natureza multifacetada tem por caráter também, apesar desse grande potencial de integração cultural e de conhecimentos, mecanismos de dominação e reprodução ideológica através de muitas formas, entre essas, a padronização cultural e das práticas e currículos de ensino. A complexidade e múltiplos usos institucionais para a internacionalização universitária tornam este conceito multidimensional, pois permeiam as diferentes funções e unidades universitárias.

Sendo assim, é possível identificar oito categorias para melhor debater esta noção, são elas: a) internacionalização em casa; b) internacionalização no exterior; c) internacionalização na graduação; d) internacionalização na pós-graduação/pesquisa; e) internacionalização Norte-Sul; f) internacionalização Sul-Sul; g) internacionalização e inovação e h) internacionalização e extensão.

Para isso, primeiramente, discorre-se sobre o setor responsável pelo processo de internacionalização da Unioeste. Em seguida, relata-se acerca das diferentes estratégias utilizadas pela instituição em cada uma das dimensões apresentadas pelo conceito multidimensional. Por fim, trazem-se alguns desafios



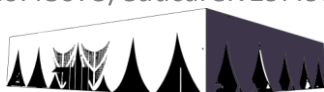


estruturais para a efetiva implementação de atividades de internacionalização para subsidiar o debate.

## 4 O INTERNATIONAL OFFICE

O *International Office* da Unioeste está comprometido com a cooperação transversal entre agências internacionais em todos os níveis por meio de programas de graduação e pós-graduação em pesquisa, inovação e extensão. Essa estratégia busca criar um ambiente multicultural nos *campi*, por um lado, com as melhores universidades do mundo e, por outro, consolidar sua postulação como Instituição de referência na América Latina. O propósito/missão é, com base na premissa do *learning-by-doing* (aprender fazendo), estabelecer as bases para a consolidação de uma estratégia institucionalizada, independente da gestão, que busque maximizar os interesses organizacionais nas Relações Internacionais e Interinstitucionais.

Entre os eixos estabelecidos na política de internacionalização estão: ampliação de acordos de cooperação internacional com instituições de reconhecido prestígio acadêmico; aumento da participação ativa de alunos e professores da Unioeste em instituições estrangeiras de reconhecido prestígio acadêmico; aumento da participação de alunos e professores estrangeiros na Unioeste; envolvimento de docentes e técnicos no processo de internacionalização; e ampliação da estrutura de internacionalização na Unioeste. Como sugerem Kestin, Lumbreras e Puch (2020), as universidades deveriam criar novas unidades organizacionais para abrigar a maioria dos desafios enfrentados em nosso tempo. Seguindo a política de internacionalização da Unioeste, entendemos que isso contribui para o rumo que a Unioeste pretende seguir. Ter um Escritório Internacional para acompanhar a internacionalização, como no caso da Unioeste, é uma ação que julgamos adequada para o bom desempenho da universidade diante das demandas de internacionalização. Na próxima parte será discorrido acerca da internacionalização sobre as diferentes dimensões já apresentadas.



## 5 O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DA UNIOESTE

### 5.1 Internacionalização no exterior e em casa na Graduação e na Pós-Graduação

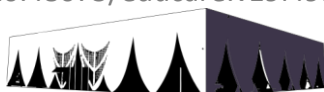
A experiência internacional é elemento de profunda transformação na carreira acadêmica, permite ao discente e ao docente o contato com novas realidades no âmbito cultural e acadêmico, as quais enriquecem sua vida profissional e sobretudo pessoal, transformando paradigmas e oferecendo uma nova dimensão para o entendimento intercultural e a valorização de saberes. Entretanto, dificuldades no âmbito financeiro, legal e linguístico, podem se apresentar como barreiras na realização de mobilidade.

Assim, um novo conceito de internacionalização se tornou popular entre as universidades mundiais: a internacionalização em casa, que consiste em promover ações de cunho internacional, por meio de contato, discussão e compartilhamento de informações com pessoas vinculadas a instituições de ensino ao redor do mundo, utilizando-se, além das interações de forma presencial, da internet e suas tecnologias.

Diante das oportunidades de internacionalização que a interação *online* pode proporcionar, o *International Office* buscou a promoção de parcerias para empreender um projeto de extensão, considerando a internacionalização não como um departamento, mas sim um comportamento.

O *Collaborative online international learning* (COIL) foi criado em 2017 e encerrado em 2019 com pressupostos teórico-metodológicos que consistiam em utilizar plataformas gratuitas e disponíveis na rede para realizar uma integração mais efetiva da tele colaboração nas instituições universitárias.

Infelizmente, embora o *International Office* tenha efetuado diversas conversas motivacionais, apresentado ideias para a implementação, mostrado plataformas gratuitas para serem utilizadas, exposto que as redes sociais também





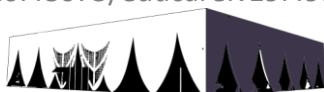
eram ferramentas de grande valor para esse tipo de atividade, o setor encontrou dificuldades para desenvolver ações concretas dentro do projeto, o obstáculo principal foi ampliar o engajamento dos docentes em projetos internacionais e viabilizar a participação dos estudantes em aprendizado além da fronteira nacional.

Quando o docente estabelecia uma proposta não havia discentes entusiasmados com aquele segmento de estudo e as áreas que os discentes estavam receptivos a participar do projeto nem sempre possuíam docentes interessados.

Durante a pandemia de COVID-19, o interesse de docentes e discentes em atividades *online* nacionais e internacionais foi alterado, tudo passou a ser *online*, o que incentivou a questão da internacionalização em casa. Nesse sentido, a Unioeste participou da versão piloto do Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA Virtual).

O programa PILA é uma iniciativa do Conselho Interuniversitário Nacional (CIN) da Argentina, da Associação Nacional de Universidades e Instituições de Ensino Superior (ANUIES) do México e da Associação Colombiana de Universidades (ASCUN) da Colômbia, e tem por objetivo o intercâmbio das comunidades acadêmicas, para promover a internacionalização do ensino e facilitar as trocas culturais e de conhecimentos. Em 2021, os estudantes da Unioeste puderam cursar disciplinas ofertadas por onze universidades participantes do programa, divididas entre os países mencionados. A Unioeste recebeu 17 cartas de aceite, e os estudantes avaliaram a experiência positivamente, mesmo com alguns percalços decorrentes de ser a versão piloto do PILA Virtual.

Como as aulas no ano de 2021 ocorreram de forma remota, não foi dificultoso conseguir a ampla adesão dos professores na oferta das disciplinas. A colaboração do corpo docente foi essencial para a oferta de 145 disciplinas de 16 Programas e 17 Cursos dos 5 *Campi* da Unioeste, que tornou evidente a demanda



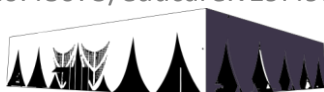
pela maior internacionalização do ensino superior. Apesar disso, apenas um estudante argentino participou do programa na Unioeste.

A volta das aulas presenciais tornou inviável a participação da Unioeste nas versões posteriores do PILA Virtual, não por desinteresse da comunidade acadêmica, mas por falta de acesso a materiais e tecnologias de transmissão *online* nas salas de aula. Apesar da não participação da Unioeste nas edições subsequentes do programa, alguns alunos perceberam tão proveitosa a experiência que buscaram por conta própria seguir participando de disciplinas nas universidades participantes, apenas consultado a Unioeste a respeito da possibilidade. Todos os interessados foram aceitos em disciplinas nas últimas edições do Programa.

A expectativa da Unioeste é buscar meios para poder ofertar ao menos algumas disciplinas *online*, para que a reciprocidade e os interesses acadêmicos e científicos sejam atendidos no que tange à internacionalização em casa.

A interculturalidade é uma condição inerente à existência da universidade, favorecendo o convívio e a integração de diversidades. Falar de interculturalidade no contexto universitário remete-nos à questão do processo de internacionalização do Ensino Superior, que tem ampliado os encontros e as convivências de diferentes realidades culturais no espaço acadêmico, seja por meio de mobilidade em casa ou no exterior. A internacionalização pode ser vista como um esforço direcionado para tornar a educação superior mais ajustável às exigências e aos desafios relacionados à globalização, cuja influência pode ser vista nos campos econômico, político, cultural e, também, educacional.

O movimento de internacionalização se intensificou a partir da década de 90, entretanto ele tem ocorrido de forma desigual, enquanto em países centrais este é um processo bastante ativo, com implantação de políticas voltadas para atração e acolhimento de acadêmicos, oferta de serviços educacionais no exterior e exportação de programas etc., em países periféricos as ações são limitadas devido à falta de recursos destinados para desenvolvê-las.



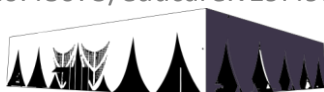
Apesar da mobilidade acadêmica internacional não assumir o mesmo sentido e importância em todas as regiões do mundo, ela começou a ganhar força nas diretrizes educacionais dos países latino-americanos a partir de 2010. Um exemplo disso foi o Programa Ciências Sem Fronteiras (CsF) criado em 2011 no Brasil.

Quando foi encerrado em 2016, o CsF havia concedido 101.446 bolsas, sendo que 92.862 destas foram implementadas na graduação, ou seja, cerca de 92% das bolsas. Aqui vale ressaltar que os recursos destinados à mobilidade na graduação são escassos, uma vez que embora o investimento na pós-graduação ainda seja modesto e precise ser ampliado, nesse nível há mais oportunidades, enquanto na graduação o CsF foi um marco. Após seu fim, houve uma redução de 99% nas mobilidades internacionais entre estudantes de graduação das universidades públicas brasileiras (Bustamante, 2020).

Em relação à Unioeste, atualmente, a única bolsa disponível para mobilidade no exterior na graduação é oferecida por um bando privado. A bolsa Ibero Americana não cobre 100% dos custos e funciona mais como um auxílio para a mobilidade ocorrer.

Qualquer forma de mobilidade é uma experiência de grande valor, tanto no pessoal quanto no profissional, mas é inegável que há diferenças entre uma mobilidade no exterior e uma mobilidade em casa. Na sua primeira forma o discente tem um contato mais próximo com a cultura do país em que está, além da língua, ele interage com a arte, com a música, com a dança, experimenta comidas típicas, em suma, ele vivencia plenamente a cultura do país, já na mobilidade em casa ele tem mais uma percepção da cultura do que uma prática efetivamente. A mobilidade em casa é rica e tem seu valor considerando que seu custo é mais barato, mas a mobilidade no exterior é uma bagagem completamente distinta.

A internacionalização denota o processo de se tornar internacional, mas para isso ocorrer é necessário ir além da mobilidade de indivíduos. Para uma



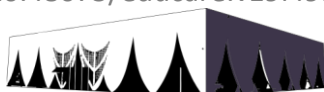
internacionalização completa é preciso que a instituição adquira renome internacional por meio da oferta de cursos e eventos com participação internacional, da atração de estudantes e pesquisadores, da publicação em periódicos internacionais etc.

As políticas de internacionalização devem ser vistas como ferramentas a serviço da formação de docentes, discentes e pesquisadores, contribuindo com o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia, por meio de colaboração e troca de experiência com docentes e pesquisadores estrangeiros, mais especificamente por meio de produção científica, estágios de pesquisa em universidades estrangeiras, participação em congressos internacionais, orientação de mestrandos e doutorandos e, no âmbito discente, por meio da concessão de bolsas de estudos no exterior no contexto de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado.

Em suma, a universidade se internacionaliza pela aquisição de valor ou dimensão internacional decorrente de sua capacidade de colaborar para o desenvolvimento científico em nível supranacional (Kok, 2005), seja pelas suas atividades de formação, seja pela qualidade e impacto de sua pesquisa.

A internacionalização pode ocorrer de forma passiva e ativa, no primeiro modelo a IES envia discentes, docentes e pesquisadores para instituições estrangeiras, bem como publica trabalhos científicos em periódicos internacionais, externos à IES brasileira, já na segunda forma a IES recebe docentes, pesquisadores e discentes estrangeiros e eles participam como agentes em cursos e periódicos da IES nacional.

O reconhecimento dessas duas formas é importante em diversos sentidos, já que elas revelam caminhos distintos para a internacionalização acadêmica. A IES deve estar atenta aos seus pontos fortes e fracos para tomar decisões de como implementar medidas administrativas e acadêmicas concretas e coerentes para sua política de internacionalização. E por fim, conseguir boas avaliações de seus

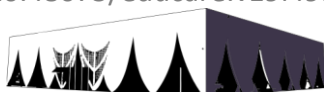


programas de pós-graduação, já que com base na avaliação há recursos melhores das agências de fomento e amparo à pesquisa.

Nesse sentido, destacam-se no Brasil duas importantes agências federais de fomento à pesquisa e disseminação do conhecimento, a saber, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que perceberam a necessidade de ampliarem suas ações para além do território nacional, firmando acordos de cooperação internacional com diversos países.

Nessa perspectiva, a Unioeste tem se desenvolvido nos últimos anos, prova disso é a mais recente avaliação realizada pela CAPES. O processo avaliou 49 áreas de conhecimento, entre o período de 2017 e 2020, e dos 33 programas de pós-graduação exclusivamente administrados pela Unioeste, 16 obtiveram elevações de conceito e 16 mantiveram o conceito já conquistado na avaliação do quadriênio anterior, indicadores do avanço da internacionalização da instituição.

Diante do exposto, infere-se que a educação brasileira de Pós-Graduação está se consolidado e obtendo o reconhecimento no Brasil e internacionalmente e que sua participação na produção científica mundial está inserida na chamada globalização, processo que procura dar amplitude ao que se produz num país, a exemplo da educação, ciência, tecnologia, economia, cultura, que têm crescido gradativamente e que a internacionalização da Pós-Graduação brasileira, é um dos principais requisitos para que os programas de Pós-Graduação atinjam conceitos de excelência e, nesse sentido, Fiorin (2007) destaca que o grau de internacionalização da produção científica é considerado um dos critérios mais relevantes para se medir o mérito da produção.



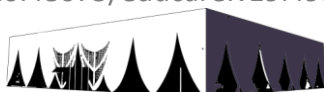
## 5.2 Internacionalização norte-sul e sul-sul

Apesar do espaço conquistado por diversos Estados-Nação nas últimas décadas, a hegemonia dos Estados Unidos e da Europa frente às nações emergentes e subdesenvolvidas é ainda irrefutável no cenário internacional.

Os países desenvolvidos são também os que mais se beneficiaram e se beneficiam com a “*mainstreamscience*”. Em contraponto à ciência dominante, a ciência periférica<sup>1</sup>, apesar de possuir assimetrias menores com países do Sul, os países em desenvolvimento almejam a cooperação Norte-Sul. Isso ocorre principalmente porque os países do Norte (desenvolvidos) são também os que mais possuem recursos, não apenas econômicos *per se*, mas também recursos financeiros, humanos e materiais destinados ao desenvolvimento científico. Para os países em desenvolvimento essa é, portanto, uma valiosa forma de diminuição das assimetrias entre o Norte e o Sul (Baiardi; Ribeiro, 2011).

Ao trazermos a discussão da cooperação entre as duas categorias de países acima mencionados para o âmbito universitário, a Internacionalização Norte-Sul merece importante destaque, isso porque as universidades, enquanto atores transnacionais, absorvem cada vez mais o papel de desenvolvimento, especialmente no que diz respeito às áreas de ciência e tecnologia. É, portanto, a partir da aproximação científica com universidades de países desenvolvidos, que a Unioeste consegue as maiores oportunidades financeiras para: pesquisas e publicações em conjunto; elaboração de tecnologias e inovações; mobilidade acadêmica internacional e para o progresso socioeconômico da comunidade externa à universidade.

Nesse sentido, o Programa Erasmus+ é de grande importância para a instituição, visto que as trocas realizadas por discentes, docentes e agentes universitários impactam não apenas na aproximação de conhecimentos, mas nas diferentes formas de “*know-how*” para o aprimoramento institucional.



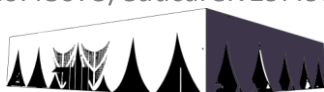


Os meios de cooperação bilateral entre a Unioeste e universidades de países desenvolvidos são importantes fontes de recursos humanos, através da troca de saberes, mas também a principal fonte externa de recurso para inovações tecnológicas, como, por exemplo, o recurso de uma Universidade da Irlanda do Norte para o desenvolvimento de uma plataforma de tecnologia conjunta para as Universidades Estaduais do Paraná.

Muitas vezes, os recursos estrangeiros aplicados na Unioeste são utilizados para o desenvolvimento e melhoria social e econômica da população. A exemplo dos recursos recebidos por uma Universidade dos Estados Unidos, que, além de contribuir com a diminuição do desperdício de grãos durante a colheita, auxiliou socialmente as mulheres agricultoras por meio do empoderamento feminino.

O Brasil, assim como os demais países sul-americanos, passou por transformações político-econômicas, sociais e estratégicas a partir da primeira década dos anos 2000. Essas transformações ocorreram não apenas no sentido amplo de Estados Nacionais, mas também nos diversos atores, a exemplo de empresas, ONG's ou mesmo de universidades. A crise neoliberal dos anos 90, política que contribuiu para o agravamento das assimetrias e desigualdades nacionais, e a ascensão das políticas sociais proporcionou não apenas a recuperação econômica dos países, naquele momento, mas também a diminuição da desigualdade social interna (Pecequillo, 2013). Naquele período, classes sociais que não tiveram, historicamente, condições de ingressar no ensino superior, puderam acessar a universidade. Essas políticas favoreceram o ambiente universitário não só na diversidade de pessoas, mas também na diversidade de estudos e das contribuições acadêmicas entre os Estados “do Sul”<sup>2</sup>.

Concomitantemente, o investimento científico de países como a China, e as trocas com demais países em desenvolvimento é especialmente importante na busca por encontrar soluções para as dificuldades vividas por esses países. Afinal, é na Universidade que surgem estudos, teorias e inovações aplicáveis em benefício da sociedade.



Na esfera do *International Office* da Unioeste, a cooperação Sul-Sul representa mais de 60% dos convênios firmados. Além disso, é com a Argentina, com o Paraguai, com a Colômbia, com a Bolívia, com o Chile e com o México que são realizadas as principais ações, sejam de pesquisas em conjunto, de transferências de tecnologias, de eventos ou mesmo de mobilidade internacional. Além dos convênios específicos com universidades dos países mencionados, a Unioeste participa da Rede de Universidades da Zona de Integração do Centro Oeste da América do Sul (Zicosur), que proporciona a atuação da instituição em programas conjuntos para fortalecer a integração regional acadêmica, bem como para consolidar o intercâmbio nas áreas de ensino, pesquisa e extensão (ZICOSUR, 2022). O Zicosur é, portanto, para a Unioeste a principal fonte externa de recursos para a mobilidade de pessoas e de conhecimentos Sul-Sul.

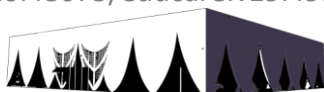
### 5.3 Internacionalização na extensão e potencialidades de inovação

A formação do estudante universitário precisa ir além do que ele aprende em sala de aula, a obtenção de conhecimentos dentro e fora da classe é de fundamental importância. Nesse sentido, a extensão, cuja atribuição é conectar a universidade com a comunidade na qual está inserida e é parte do tripé educacional, tem papel essencial. O ganho da sociedade e da universidade com a extensão é inegável.

A internacionalização das ações de extensão pode ocorrer de diversas formas, que vão desde a edição de jornais e periódicos em língua estrangeira até cursos com participação de palestrantes estrangeiros.

Materiais de divulgação publicados em língua estrangeira, por exemplo, voltado para comunidades internacionais, aumentam a visibilidade da universidade no contexto mundial, sendo a porta de entrada para outras parcerias (Mattiello; Toledo, 2021).

À vista disso o *International Office* da Unioeste, produziu de 2016 a 2019 seis edições do jornal intitulado *Western Paraná Herald*, que teve como objetivo



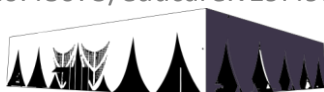
principal estabelecer um elo de comunicação com a comunidade acadêmica internacional.

Devido ao sucesso do jornal, citado, que era produzido em língua inglesa, em 2017 foi criado o *Heraldo Oeste Paranaense*, em língua espanhola e que teve cinco edições efetuadas entre 2017 e 2019. Ambos os jornais seguiram o mesmo pressuposto teórico-metodológico, e após serem diagramados eram distribuídos por *newsletter* para as instituições parceiras no exterior, além de ter sua versão *online* disponibilizada dentro da página do *International Office*.

Em 2020, a Assessoria de Comunicação Social (ACS) da Unioeste resolveu integrar a equipe e os jornais se tornaram um único projeto de extensão intitulado de Material de Divulgação da Unioeste, em 2021 os setores, juntamente com os participantes cadastrados no projeto desenvolveram um Anuário Trilíngue da Unioeste, o qual apresentava a instituição, seus cinco *campi*, seu hospital e diversas pesquisas realizadas, além é claro de destacar as políticas de combate à pandemia de COVID-19 adotadas pela instituição, já que a mesma é detentora do principal hospital da região que atuou no enfrentamento do vírus, durante 2020 e 2021 o Hospital Universitário do Oeste do Paraná (HUOP) atendeu no setor de COVID 65.858 pessoas, sendo que destas 2.158 precisaram de internamento.

Ainda em 2022, uma parceria entre o *International Office*, o Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde, e o Curso de Graduação em Letras do Campus de Cascavel, deu origem ao projeto intitulado de “Práticas Integradas”, cujo objetivo é preparar atividades de tradução consecutivas ao receber pesquisadores internacionais no Programa.

A atual fase da globalização, que ocorre desde o início do presente século, tomou proporções jamais vistas anteriormente. Ao mesmo tempo, em que o acesso a conhecimentos e tecnologias se tornaram mais acessíveis à boa parte da população, esse processo escancarou a interdependência global. Não entraremos aqui nas questões de desigualdade social, já abordadas em tópicos anteriores, e que foram, em grande parte, agravadas pela globalização. Focaremos, no entanto,



no papel das universidades enquanto atores subnacionais, que podem utilizar de suas pesquisas para buscar formas de resolver problemas político-sociais e ambientais.

A Unioeste, nesse sentido, desde 2017 vem mensurando, através da participação em *Rankings* internacionais, a implementação acadêmica dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). O foco é inserir os ODS nas pesquisas, projetos de extensão, no ensino, conscientização e nas questões físicas e infra estruturais da universidade, de modo a melhorar as realidades nos níveis local, regional e global.

A melhoria nos índices de desenvolvimento sustentável das universidades e da sociedade no entorno desses locais, através das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de tornar o nome da universidade mais conhecido internacionalmente, em boa parte através dos *Rankings*, acaba atraindo maiores investimentos e parcerias internacionais.

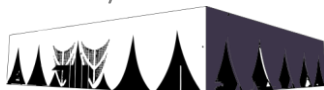
## 6 EM GUIA DE CONCLUSÃO: OS DESAFIOS ESTRUTURAIS

A internacionalização universitária multidimensional, especialmente no que tange às atividades de ensino, pesquisa e extensão, possui como principais entraves às questões econômicas.

Ao mesmo tempo, em que há o interesse acadêmico em diferentes abordagens científicas e na multiculturalidade, as universidades brasileiras acabam não tendo acesso a financiamentos e tecnologias necessárias para o aprofundamento de pesquisas ou para a mobilidade acadêmica, seja ela virtual ou presencial.

No caso da Unioeste, o principal desafio para motivação da internacionalização em casa é a falta de tecnologias na sala de aula para gravação ou transmissão das aulas presenciais nos meios virtuais de ensino.

Em relação à mobilidade acadêmica, o maior desafio é o financeiro, dado que, as oportunidades de bolsas são escassas. A Unioeste, fica, portanto, à mercê



das bolsas fornecidas pela CAPES na Pós-graduação, e da bolsa Ibero-americana na graduação. Eventuais programas e financiamentos fornecem algumas bolsas esporádicas, tanto para os docentes quanto para os discentes.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. Global Civil Society. **Theory, culture and society**, v. 23, p. 521-524, 2006.

ARJOMAND, S. A. Social theory and the changing world: mass democracy, development, modernization and globalization. **International sociology**, v. 19, n.3, p. 321-353, 2004.

BAIARDI, A.; RIBEIRO, M. C. M. A Cooperação Internacional Norte-Sul na Ciência e na Tecnologia: Gênese e evolução. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 593-608, 2011.

BUSTAMANTE, N. **O Ciência sem Fronteiras acabou? Saiba qual é a atual situação do programa**. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/ciencia-sem-fronteiras-acabou-entenda/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

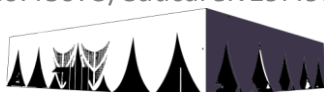
DE WIT, H. **Internationalisation of higher education in the United States and Europe: A historical, comparative and conceptual analysis**. Westport, Connecticut: Greenwood, 2001.

FIORIN, J. L. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de ciências humanas e sociais em periódicos internacionais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação – RBPG**, Brasília, v. 4, n. 8, p. 263-281, dez. 2007.

HUDZIK, J. **Comprehensive Internationalization: from concept to action**. Washignton: NAFSA, 2011.

KEMPTON, L. *et al.* **Regional Studies Policy Impact Books**. London: Taylor & Francis Online, 2021.

KESTIN, T.; LUMBRERAS, J.; POUCH, M. C. **Accelerating Education for the SDGs in Universities**. New York: Sustainable Development Solutions Network, 2020.



KING, L. F. E. Diplomacia científica e internacionalización de la investigación: Nuevos horizontes de trabajo colaborativo con base a dos experiencias de Colombia. **Educación Global**, Culiacán, v. 24, p. 11-21, 2020.

KNIGHT, J. “Updating the Definition of Internationalization”. **International Higher Education**, Boston, v. 33, 2003.

KNIGHT, J. **Internationalisation at the Canadian Universities: the changing landscape**. Ottawa: AUCC, 2005.

KOK, A. **The internationalization of universities through the management of their intellectual capital**. In: Managing the Process of Globalisation in New and Upcoming EU Members, Anais da 6th International Conference da Faculty of Management Koper. Eslovenia, p. 381-9, 24 a 26 de nov. 2005.

MATTIELLO, R.; TOLEDO, N. B. Internacionalização: A Interface com a Extensão Universitária. **Revista Compartilhar**, v. 5, p. 18-23, 2021.

MITTELMAN, J. The globalisation challenge: surviving at the margins. **Third world quarterly**, v. 15, n. 3, p. 427-443, 1994.

MOROSINI, M. (ORG.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

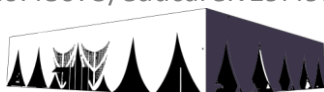
PATERSON, M.; HUMPHREYS, D.; PETTITFORD, L. Conceptualizing global environmental governance: from interstate regimes to counter-hegemonic struggles. **Global environmental politics**, Nova Iorque, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2003.

PECEQUILO, C. S. A América do Sul como espaço geopolítico e geoeconômico: O Brasil, os Estados Unidos e a China. **Associação Brasileira de Relações Internacionais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 100-115, jul./dez. 2013.

SEBASTIÁN, J. **Cooperación y internacionalización de las universidades**. 1. ed. Buenos Aires: Biblos, 2004.

STALLIVIERI, L.; VIANNA, C. T. Internacionalización Responsable: Más allá de una evaluación formal y técnica de la Internacionalización de la Educación Superior. **Educación Global**, Culiacán, v. 24, p. 32-46, 2020.

WALMAN, D. H. G.; QUINTANA, P. J.; MORAN, G. Z. La Paradiplomacia Universitaria: La internacionalización de la educación superior en América. **Revista Política, Globalidad y Ciudadanía**, Monterrey, v. 4, n. 8, p. 37-48, 2018.





ZONA DE INTEGRAÇÃO DO CENTRO OESTE DA AMÉRICA DO SUL. **Zicosur Universitário**, 2022. A Rede. Disponível em: <https://zicosur.wordpress.com/a-rede/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Recebido em: 07-11-2023

Aceito em: 28-05-2024

---

<sup>1</sup> O termo não significa que essa categoria de ciência é menos importante ou menos válida que a ciência dominante, significa apenas que possui menor aproximação com as pesquisas desenvolvidas por países hegemônicos.

<sup>2</sup> A cooperação Sul-Sul é uma iniciativa de países em desenvolvimento, e não apenas relativos à localização geográfica no hemisfério sul, englobando, portanto, países à margem das hegemonias americana e europeia. Os exemplos emblemáticos de cooperação Sul-Sul de que o Brasil participa são: os BRICS, o Mercosul e a Unasul.

